



USO DE EPIs POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM UMA CIDADE DO INTERIOR DO CEARÁ

Yana Kerly Capistrano de Oliveira¹, Luís Galdino Júnior¹, Davy Deusdeth Timbó Magalhães Sobrinho¹, Leandro de Lima Vasconcelos¹, Regilane Matos da Silva Prado¹

¹Centro Universitário Católica de Quixadá – UNICATÓLICA
yana.capistrano2010@hotmail.com

Resumo

Equipamentos de Proteção Individual – EPIs são dispositivos que oferecem proteção dos riscos que a atividade profissional oferece. Entre eles destaca-se o jaleco devendo ser observado o risco da sua utilização fora do ambiente de trabalho. O objetivo da pesquisa foi verificar o uso inadequado de EPIs e vestuários por profissionais de uma instituição de saúde do município de Quixadá-CE. Trata-se de um estudo analítico, descritivo, transversal com abordagem quali/quantitativa, realizada no Hospital e Maternidade Jesus, Maria e José, nos setores da clínica médica, UTI neonatal e obstétrica. A coleta de dados se deu por aplicação de questionários estruturados e semiestruturados com os profissionais presentes no dia deste estudo. Para coleta de material microbiológico nos EPIs (jalecos e/ou vestuários) utilizou-se *swab* estéril, nas regiões: punho/bolso dominante, gola e frente do jaleco e/ou vestuário. O material coletado foi semeado em placas Petri (MacConkey) e (Cled). Ocorreu crescimento bacteriano, no punho/manga da mão dominante 4 (31%), gola 6 (46%), frente do jaleco 3 (23%). Provas bioquímicas identificaram gêneros e espécies: *Staphylococcus aureus* 6 (46%), *Streptococcus pneumoniae* 1 (8%), e *Pseudomonas aeruginosa* 1(8%). Os dados mostram que EPIs estão contaminados e podem ser potenciais causadores de infecções relacionadas a assistência à saúde.

Palavras-chave: Equipamentos de proteção individual. Patógenos. Infecções.

Introdução

Equipamentos de Proteção Individual – EPIs correspondem aos dispositivos individuais utilizados pelo empregado para se proteger dos riscos que a atividade profissional possa oferecer, assim se mantendo seguro nas execuções do seu trabalho, correspondem jalecos, luvas, máscaras, gorros, uniformes, óculos, entre outros. Estes dispositivos são uma das medidas de biossegurança que os profissionais da saúde precisam tomar, para desempenhar as suas atividades em segurança, protegendo-se de riscos biológicos, físicos e químicos (BRASIL, 2001).

Entre os EPIs destaca-se o jaleco adotado como medida de biossegurança, para o profissional e para o paciente, mas deve ser observado o risco da utilização dos uniformes fora do ambiente de trabalho. A vestimenta que visa proteger o profissional ao mesmo tempo atua como reservatório de micro-organismos, que podem ser disseminados entre os pacientes e outros profissionais (FENALTE; GELATTI, 2012).



A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que a utilização de jalecos se restrinja aos ambientes adequados com a intenção de reduzir as chances de infecção hospitalar. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) em sua norma regulamentadora NR nº 32, que trata da segurança e saúde no trabalho em serviço de saúde, considera o jaleco um equipamento de proteção individual. Assim, estabelece que os trabalhadores não devam deixar o local de trabalho com os equipamentos de proteção individual e as vestimentas utilizadas em suas atividades laborais (CREMEC, 2014).

A utilização do jaleco por profissionais das diversas áreas de saúde fora de seu ambiente de trabalho pode constituir um risco higiênico sanitário dado à possibilidade de contaminação cruzada entre o avental, mãos, alimento e pacientes. Conseqüentemente, os jalecos podem ser potenciais veículos de disseminação de patógenos entre pacientes e ambientes de saúde. A principal via de transmissão de micro-organismos ocorre entre as mãos dos profissionais de saúde e pacientes (CARDOSO et al., 2010; SILVA, POVEDA, 2014; PITTET, ALLEGRANZI, BOYCE, 2009; SCHEITHAUER et al., 2010).

Visto que o problema em questão é de grande valia para o controle da resistência bacteriana, este trabalho tem como objetivo, verificar o uso inadequado de EPIs e vestuários por profissionais de uma instituição de saúde do município de Quixadá-CE.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada em um hospital maternidade do sertão Central do Ceará especificamente nos setores de clínica médica, UTI neonatal e obstétrica e a coleta de dados se deu por meio da aplicação de dois questionários estruturados e semiestruturados com os profissionais presentes no dia da coleta, sendo que o primeiro questionário buscou verificar os dados sócio demográficos e o segundo verificou o modo de uso e manuseio de jalecos e vestuários dentro e fora do ambiente hospitalar.

Em seguida foi realizada a coleta do material microbiológico nos EPIs (jalecos e/ou vestuários), utilizando *swab* estéril, em quatro regiões diferentes: punho dominante, bolso dominante, gola do jaleco e/ou vestuário e frente do jaleco e/ou vestuário sendo, posteriormente semeado sobre a superfície estéril em meio *MacConkey* e *Cled*. Foi verificado o crescimento bacteriano nas placas e realizadas a coloração de Gram para identificação (gram positiva ou negativa) e, em seguida, as provas bioquímicas de catalase, coagulase e oxidase no intuito de identificar o gênero e a espécie bacteriana.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos do Centro Universitário Católica de Quixadá, sob o parecer: 1.793.782, respeitando os princípios



ético da pesquisa de acordo com a Resolução 466/12 (BRASIL, 2012).

Resultados e Discussão

Dos 13 profissionais entrevistados, 11 (85%) eram do sexo feminino enquanto 2 (15%) do sexo masculino. Dos entrevistados 7 (54%) afirmaram ter vínculo empregatício em outra instituição de saúde e 6 (46%) disseram não atuar em outro local de assistência à saúde. Onde dos 7 (54%) que afirmaram trabalhar em outra instituição, 5 (71,42%) não possuem jaleco para cada local e assistência à saúde.

No estudo de Neves (2015), 52,9% dos profissionais de saúde informaram trabalhar em outro local, desses 18,3% não possuíam jaleco específico para cada instituição e utilizavam o mesmo em ambos. Scheidt et al. (2015) verificou que dos profissionais pesquisados de um total de 73, apenas 8 (11%) informaram outro vínculo profissional e destes, 6 (75%) atuavam em área crítica, ou seja, hospital e unidade de pronto atendimento.

O presente estudo verificou quanto a frequência de troca dos jalecos e/ou vestuários pelos profissionais da saúde e 6 (47%) afirmaram troca diária, 2 (15%) relataram que faziam a cada dois dias e 5 dos profissionais (38%) fazem a troca do EPI quando visivelmente sujo. Quanto ao transporte do jaleco/vestuários este é feito na mão por 4 (31%) dos profissionais, 1 (8%) chega com o EPI vestido na instituição de saúde, 3 (23%) transportavam em sacolas ou sacos descartáveis e 5 (38%) não responderam.

Neves (2015) aponta que a maioria dos trabalhadores chega (89,3%) e sai (74,8%) da unidade vestido com o jaleco sendo que 91,3% não higienizava as mãos antes e após o seu uso e 72,8% efetuava o transporte inadequado do mesmo. Nesse estudo também foi observado que a lavagem de 9 (69%) dos jalecos/vestuários eram feitas junto com as roupas de uso diário, 1 (8%) lavavam com água e sabão e 3 (23%) faziam imersão prévia em hipoclorito.

Os profissionais foram entrevistados ainda quanto a finalidade de uso do jaleco/vestuários sendo que 3 (23%) relataram utilizar para proteção individual, 6 (46%) usavam para proteção do paciente e individual e 4 (31%) dos profissionais afirmaram fazer o uso da indumentária apenas por ser exigência da instituição de saúde. Na pesquisa de Silva (2011), 68% dos profissionais relataram o hábito de trocar o jaleco a cada plantão, dos que fazem a troca a cada dois plantões ou mais eram 32%. Quanto ao motivo pelo qual utilizam o jaleco, 83% dos participantes mencionaram o aspecto de proteção individual, 14% usam porque é uma exigência do hospital e 3% fazem o uso devido à “elegância e ao simbolismo do mesmo”.

Nesta pesquisa foram observados ainda que alguns dos profissionais chegaram até a unidade de assistência à saúde já portando o jaleco nas mãos, sem que este estivesse protegido



de possíveis contaminações externas do ambiente hospitalar, o que possibilita a contaminação e disseminação de patógenos. Silva (2011) questionou os profissionais de saúde quanto ao comportamento em relação ao uso do jaleco e 90% asseguraram não usá-lo apenas em ambientes privativos de assistência ao paciente enquanto 77% afirmaram circular com o mesmo em áreas externas às unidades de internação, 13% nos serviços de apoio e 3% disseram que eventualmente frequentam locais públicos portando jaleco.

Foi identificado que dos 13 participantes, 8 (62%) jalecos/vestuários estavam contaminados por microrganismos (MO) não especificados dispostos como observado no **Gráfico 1**, resultado semelhante identificado por Margarido et al. (2014), onde na UTI houve um crescimento em 50% das amostras, com presença em 28,6% delas de *Staphylococcus aureus* e em 21,4% de *Staphylococcus epidermidis*.

Quando da coleta de material referente aos locais do jaleco/vestuário onde ocorreu presença de MO, foi observado que houve crescimento bacteriano no punho/manga da mão dominante de 4 (31%) dos EPIs, na gola de 6 (46%), na frente do jaleco/vestuário de 3 (23%) e no bolso da mão dominante de 4 (31%) (**GRÁFICO 2**).

Gráfico 1 – Vestimentas dos profissionais contaminados

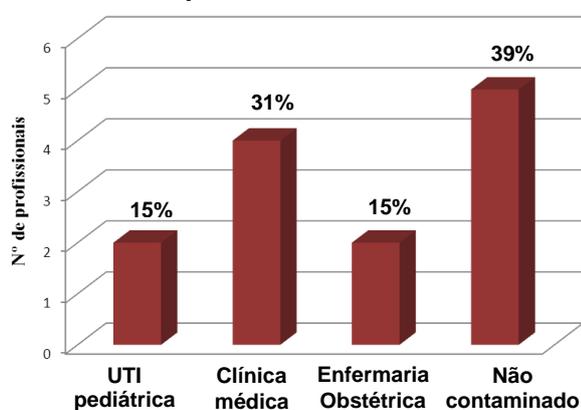
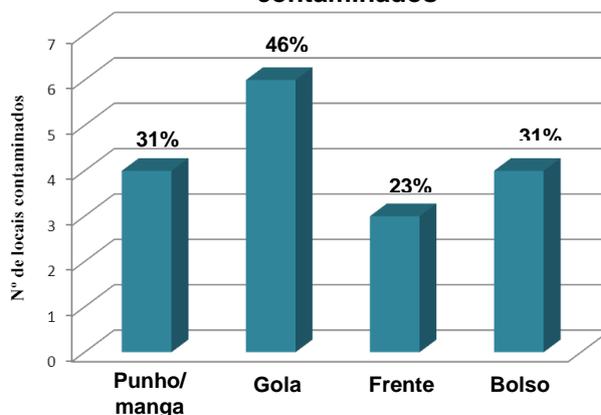


Gráfico 2 – Locais no jaleco/vestuário contaminados

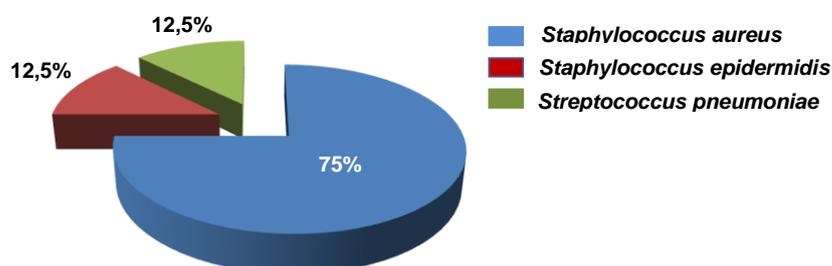


Com relação ao gênero e espécie do MO, predominou o *S. aureus*, *S. pneumoniae* e *P. aeruginosa* (**GRÁFICO 3**) dados esses que corroboram com a pesquisa de Balani e Marcuz (2014) e Oliveira e Silva (2013), onde apontaram o *Staphylococcus* spp como gênero predominante

Pesquisas relacionadas apontam a presença constante de *S. aureus* e *S. epidermidis* nos jalecos de profissionais de saúde sendo o primeiro o microrganismo mais predominante associados as Infecções Relacionadas a Assistência em Saúde - IRAS (MARGARIDO et al., 2014; VALADARES et al., 2017; COUTO, MOREIRA, KAISER, 2016).



Gráfico 3 – Prevalência de micro-organismos nos



A contaminação bacteriana por espécies patogênicas nos jalecos/vestuários demonstra que esta vestimenta pode também desempenhar um importante papel na disseminação destas bactérias no ambiente hospitalar e comunitário, contribuindo para a ocorrência de infecções cruzadas (NASCIMENTO; RAMOS, 2016).

Conclusão

Os jalecos/vestuários são EPIs indispensáveis aos profissionais de assistência à saúde, e constituem uma fonte de reservatório para microrganismos patogênicos, desempenhando um importante papel nas IRAS e devem funcionar como uma barreira de proteção tanto para o profissional quanto para o paciente sendo recomendado o uso restrito a ambientes hospitalares e quando houver prestação de assistência ao paciente, contribuindo desta maneira para sua menor contaminação.

Esta pesquisa possibilitou mostrar resultados importantes com relação a contaminação bacteriana dos EPIs e recomenda-se a capacitação dos profissionais de assistência à saúde sob o uso e manuseio corretos de jalecos/vestuários, alertando para os resultados encontrados com alta prevalência de *S. aureus* potente agente importante relacionado as IRAS sendo necessários outros estudos para avaliar a resistência bacteriana aos antibióticos. Assim é preciso que haja sempre uma formação continuada da equipe multiprofissional para alertar que esse é um problema que resulta em gastos para o setor público, transtornos de saúde e ainda resistência bacteriana.

Agradecimentos

Ao hospital maternidade onde foi realizada a pesquisa e aos profissionais da saúde que concordaram em participar, como também a UNICATÓLICA pelo apoio financeiro.

Referências

BALANI, K. C; MARCUZ, F. S. Utilização do jaleco pelos profissionais de saúde de um pronto atendimento do município de Cianorte – Paraná – Brasil. **Rev Uningá review** v.17, n.1, p.35-41, 2014.



CARDOSO, A. A.; et al. Avaliação das condições higiênico – sanitárias de jalecos e mãos de profissionais de saúde, usuários de uma unidade de alimentação e nutrição hospitalar. **Rev Hig Aliment**, v. 24, n. 180/181, p. 43-47, 2010.

CREMEC – Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará. **Parecer CREMEC N.º 16/2014**. Assunto: uso do jaleco fora do local de trabalho. Fortaleza – Ceará, 2014.

COUTO H. M. L., MOREIRA C., KAISER T. D. L. Avaliação da contaminação microbiana em jalecos de estudantes da área da saúde. **Rev. Saúde e Biol.**, v.11, n.1, p.41-47, 2016.

FANALTE, M. P; GELATTI, L. C. Contaminação de jalecos usados pela equipe de enfermagem. **Rev Fasem Ciências**, v. 1, n. 1, 2012.

MARGARIDO, C. A; Boas, T. M. V; Mota, V. S. Contaminação microbiana de punhos de jalecos durante a assistência à saúde. **Rev Bras Enferm.** jan-fev; 67(1): 127-32, 2014.

NASCIMENTO, J. P. M., RAMOS, R. L. B. *Staphylococcus aureus* resistente à metilina em jalecos de estudantes de enfermagem. **Rev. Saúde.Com**; 12(1): p.463-469, 2016.

NEVES, H. C. C. Uso e manuseio do jaleco: uma análise das condutas dos trabalhadores da saúde na prática clínica. **Tese** (Doutorado): Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Enfermagem, Enfermagem (FEN). Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Goiânia, 2015.

OLIVEIRA, A. C; SILVA, M. D. M. Behavior of health professionals in relating with the use of the lab coat. **Rev. Enferm. UFPE on line**. Recife, 7(9), 2013.

PITTET, D., ALLEGRANZI, B., & BOYCE, J. The World Health Organization Guidelines on Hand Hygiene in Health Care and Their Consensus Recommendations. **Infection Control & Hospital Epidemiology**, 30(7), 611-622, 2009.

SCHEIDT K. L. S. et al. Use practices and profile of microbiological contamination of lab coats in medical school. **Rev Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - FMRP Universidade de São Paulo Medicina (Ribeirão Preto)** 48(5): 467-77, 2015.

SCHEITHAUER, S. et al. Compliance with hand hygiene in patients with meticillin-resistant staphylococcus aureus and extended-spectrum B-lactamase-producing enterobacteria. **J Hosp Infect.** Dec; 76(4):320-3, 2010.

SILVA, C. K. M; POVEDA, V. B. Contaminação microbiana de punhos de jalecos durante a assistência à saúde. **Rev Bras Enferm.** 67(1): 127-32, 2014.

SILVA, M. D. M. Caracterização epidemiológica microrganismos presentes em jalecos dos profissionais de saúde de um hospital geral. Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. Belo Horizonte, 2011.

VALADARES B. S. et al. Contaminação de uniformes privativos utilizados por profissionais que atuam nas unidades de terapia intensiva. **Rev. Epidemiologia e controle de infecção.** V. 7, n. 1, 2017.